

## Apaixonadas pelo amor

Mirtes Helena  
Editora-Adjunta

É a mais pura verdade: como cientista, Freud teve que reconhecer, a certa altura, que a mulher era indefinível por natureza. Diferentemente do homem, ela não nasce pronta. Tem que tornar-se mulher. Perplexo, ele confessou que, depois de 30 anos de estudo da alma feminina, não conseguia compreender o que, afinal, queria a mulher, que ele chamou de «continente negro». Pois é exatamente da possibilidade de compreender essa definição da feminilidade e de como o amor se imbrica nesse processo que trata o livro «Amor paixão feminina», que Malvine Zalberg acaba de lançar. A forma diferente como homens e mulheres encaram o amor e como isso instiga - e dificulta - o encontro dos dois é o mote do trabalho dessa psicanalista, autora de outro livro de sucesso: «A relação mãe e filha». Segundo Malvine, apesar das conquistas, de forma geral as mulheres mantêm o sonho de encontrar «o homem de sua vida». «Mais do que amar», já dizia Freud, «as mulheres querem ser amadas».

Uma amiga psicanalista atendia num posto de saúde da periferia e me contava que suas clientes, embora com problemas sérios como miséria, filhos drogados e violência, queriam falar mesmo era de amor. O que me diz disso?

Parece surpreendente que elas, com tantos problemas no cotidiano, privilegiem falar de amor. Que força tem esta dimensão na vida de qualquer mulher, independentemente de idade e nível socioeconômico? Aliás, mesmo nos conflitos familiares, tentar manter a chama da questão amorosa pode até ser uma forma de não ser totalmente anulada frente aos obstáculos da vida. Sempre que a oportunidade se apresenta para falar de amor, se mostrar interessada pelo que o amor pode trazer à sua condição feminina, ela procura não perder. Veja o imenso e crescente interesse por publicações para o público feminino, a maior parte sobre conquistas amorosas: como despertar o interesse e o desejo do homem. E também as publicações que retratam a vida de mulheres bem-sucedidas profissional e amorosamente. Como conseguiram? - é a pergunta. Fora o fascínio pelas novelas. Esse interesse está na origem do romance. A literatura romântica, que surge no sec. XVIII, foi um domínio quase exclusivo das mulheres, que tinham que se evadir na literatura pois não podiam realizar sonhos de amor. Não é mais o caso hoje. O que não quer dizer que a dimensão amorosa, embora não mais vivida dessa forma hoje, não guarde esta verdade: o amor desempenha papel fundamental na vida da mulher, de forma bem mais intensa e diferente do que na vida do homem. Por isso, compreende-se que quando elas têm oportunidade de um encontro com uma psicanalista na qual intuem poder ter uma escuta particular, não só dos problemas familiares, mas do seu «problema pessoal» como mulher, este aspecto se revele forte e se destaque.

Seu livro «Amor paixão feminina» fala exatamente sobre o difícil (há quem diga impossível) encontro homem/mulher. É isso mesmo?

Fala sim da dificuldade no relacionamento porque, embora hoje a cultura da igualdade dos sexos avance sem possibilidade de retorno, isso não torna os sexos iguais. Sem dúvida, na questão das oportunidades de trabalho e realização

profissional, os sexos cada vez mais se aproximam. Por outro lado, a constituição de homens e mulheres do ponto de vista psíquico não é a mesma. Como são diferentes as formas como vivem aspirações, fantasias e desejos! É por causa dessa forma diferente de viver que os pares se desencontram. O que possibilita o encontro entre homens e mulheres é justamente o amor. O amor lança pontes sobre tudo o que os separa e favorece os encontros. «O amor é o que permite, pela via do imaginário, tornar suportável e, mesmo agradável, a arte do encontro enquanto desacordo», é a bela e poética imagem de Vinícius de Moraes.

Como o livro começou? O que motivou você a pensar nisso e a escrevê-lo?

Ele segue uma linha de pensamento que desenvolvo há duas décadas sobre a sexualidade feminina. Escrevo artigos e faço palestras no âmbito da Universidade Estadual do Rio de Janeiro como professora adjunta do Instituto de Psicologia e fora do círculo acadêmico, para leigos, sobre questões que tocam a feminilidade. Comecei a me centrar nos motivos que levariam a mulher a atribuir tanta importância ao amor. Minhas referências partiram de minha prática clínica como psicanalista, ouvindo pacientes que falavam da importância do encontro amoroso, das dúvidas e temores de um rompimento, do desespero quando acontecia. Como se, perdendo o amor, elas mesmas se perdessem. Evidente que minha experiência clínica é enriquecida pela literatura, cinema e teatro, que me aportam para sustentar as reflexões. Depois foi a paixão de escrever que me moveu. A paixão da escrita.

Na contracapa está dito que «as mulheres, por cultivarem o amor mais do que os homens, são responsáveis pelos encontros possíveis entre os sexos». Fale mais disso.

Os sexos diferem sobre a forma de viver o amor e o desejo. Os homens, sem dúvida, querem amar e ser amados, mas não fazem disso elemento tão vital, de forma geral. Para as mulheres é vital, não só por causa do homem em si, mas porque, tendo muito mais dúvidas do que eles sobre sua identidade feminina, recorrem ao amor que um homem pode lhes dar grande parte da resolução dessa questão. Mulheres têm muitas dúvidas sobre o que é «ser mulher», por motivos que se enraizam na infância e que explico no livro. Uma forma de encontrar a identidade feminina é através do amor. Porque é através do amor de um homem que ela pode esperar ter uma resposta sobre o que é ser mulher - a grande questão feminina, para a qual ela tem dificuldade de encontrar uma resposta clara. Daí endereçar com frequência a pergunta ao homem: «Você me ama?» E em seguida: «Por que você me ama?»

E de onde vem isso de que homens e mulheres vêem o amor de forma diferente se somos ambos animais racionais, com hormônios e órgãos sexuais. Desde quando há essa diferenciação? Foi a cultura que a promoveu?

O que a cultura sempre promoveu foi a diferença de papéis entre homens e mulheres e enquanto este regime regulou a relação, o lugar do amor para um e outro sofria muito mais a influência da condição cultural do que hoje. Por muito tempo, mulheres só se realizavam socialmente pelo casamento, e durante séculos o amor era desconsiderado. Só a partir do século XIX surge uma confluência entre casamento e amor, sem contudo deixar de só abrir esta possibilidade de realização social para as mulheres: o da aquisição da condição de uma mulher casada. Essa situação mudou, pelo menos nas sociedades modernas. Ultimamente, muitos livros de repercussão descrevem as condições de dominação dos homens em certos países. A questão biológica e anatômica também tem seu peso, mas nenhum desses dois aspectos se apresenta de forma completamente natural: sempre são modificadas pelas formas como cada sexo experimenta psiquicamente estas características. O que é para o homem ter um corpo de homem? \_ não é pouco freqüente homens se questionarem sobre sua virilidade. O que é para a mulher ter um corpo de mulher? - é muito comum mulheres se perguntarem sobre sua feminilidade.

Mas o jeito de ver o amor, de encará-lo, muda com o tempo, a cultura? A mulher de hoje não vê o amor como suas avós...

A mulher de hoje não atribui mais ao amor a única possibilidade de realização, como provavelmente sua avó ou sua mãe atribuíam. Isto mudou, já que a mulher encontra, fora do relacionamento amoroso, com ou sem casamento, grande gama de realizações. O surpreendente é que todas essas conquistas abertas para as mulheres não trazem realização completa. A série «The sex and the city», de tanto sucesso, mostrou como quatro mulheres independentes e realizadas ainda consideram o amor a questão central da vida. De forma geral, mulheres mantêm o sonho de encontrar «o homem de sua vida», pelo qual seria muito amada. «Mais do

que amar», já dizia Freud, «as mulheres querem ser amadas». E isto, por enquanto, não mudou basicamente. Pode não ser tão intenso como no passado, mas persiste para além das conquistas das mulheres.

Um exercício de futurologia: como homens e mulheres vão encarar o amor daqui um tempo? Com base no hoje, será que as mulheres estão «masculinizando» seu pensamento em relação ao amor ou os homens caminham para o jeito feminino de ver o amor?

Não dá para precisar, mas certamente haverá mudanças. A psicanálise acompanha os desafios da contemporaneidade porque mantém-se atenta aos novos tempos. Fatos contraditórios em relação às conquistas femininas são constatados em nossa época. As mulheres, tendo alcançado a mesma liberalização sexual dos homens, muitas vezes se confrontam com a possibilidade de não encontrarem um limite para o seu gozo, que tem características diferentes das do homem, muito particular a elas. Com toda a liberalização, a mulher continua precisando, mais do que os homens, associar gozo ao amor. Não há dúvida de que seria bom, por outro lado, que homens pudessem se aproximar mais das mulheres nessa questão da importância do amor, sair um pouco do «castelo» em que costumam se refugiar com suas características dificuldades de entrega, se «feminilizando» nesse sentido.

E parece que, no livro, você diz, o tempo todo, que mulher gosta é de conversa, de prosa, de palavras. De onde vem essa necessidade, essa carência?

Insisto sobre este ponto, de que é importante para a mulher ouvir palavras de amor que a re-assegure de que é importante e valorizada. Se, de forma geral, todo ser humano precisa narcisicamente se sentir importante e valorizado, para a mulher isso é particularmente intensificado. Ela espera que o homem lhe diga como a vê como mulher. As palavras de amor - principalmente de um homem - recobrem a mulher com um manto de feminilidade. O homem é o espelho através do qual ela se sente mulher e as palavras só fazem mais do que corroborar esta imagem de si, feminina, que a mulher tanto persegue.

Na contracapa está escrito também que «Amor paixão feminina» é um prolongamento natural do seu outro livro, «A relação mãe e filha». Fale sobre isso.

Em «A relação mãe filha» me debruço sobre a essa relação e mostro como a possibilidade de a filha constituir-se uma feminilidade - Freud dizia que «uma mulher não nasce pronta, tem que se tornar?» - depende muito da relação com sua mãe. O pai vem em segundo lugar nesta constituição da feminilidade da filha. Feminilidade não é um aprendizado em si que se pode transmitir simplesmente. Cada mulher deve construir sua feminilidade, sua forma de «ser mulher», sua maneira de gostar de ser mulher e, principalmente, seu modo de gostar de ser mulher de um homem. É com a mãe que a filha aprende a ser mulher, pela forma como ela vai constatando como a mãe vive sua condição feminina. Se a mãe diz para a filha «é muito melhor ser homem, tem vantagens», é evidente que se torna difícil para a filha constituir uma feminilidade para si própria. Daí muitos desencontros entre mãe e filha, apesar do grande amor que, em geral, existe entre elas: da filha não encontrar na figura materna um respaldo para a constituição de sua feminilidade. Por mais que tentem se aproximar, se afastam porque não conseguiram criar uma verdadeira separação de corpos e desejos entre elas, para que duas mulheres tivessem podido emergir no final de um percurso harmônico e feliz. No «Amor paixão feminina» indico, por outro lado, como o que acontece na história de uma filha com sua mãe (e também, em segundo, com o pai) repercute nas relações amorosas que uma mulher vier a estabelecer nas parcerias amorosas com um homem, prejudicando-as ou favorecendo-as.